



UMA ANÁLISE CRÍTICA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ DE JOHN WESLEY¹

Edmund Conroy²

RESUMO

Uma investigação e avaliação doutrinária da doutrina específica de John Wesley sobre a perfeição cristã. O objetivo é avaliar a crença real de Wesley a respeito disso e sua validade bíblica. Isso será feito usando seu sermão e seu livro sobre perfeição cristã, com referências a várias visões a favor e contra a própria Wesley. Haverá algumas, embora não excessivas, referências às visões históricas da perfeição cristã (exemplo: Asa Mahan e Tomás de Aquino), para avaliar, se houver, o impacto sobre a visão de Wesley e para que possa ser mostrado. O empreendimento deve ter como objetivo iniciar uma conversa sobre a validade e o mérito ou demérito da visão de Wesley. A investigação deve tentar determinar se a visão de Wesley é heterodoxa ou herética, como alguns alegaram. Esta investigação terá como objetivo avaliar se a doutrina de Wesley é compatível com a teologia reformada e calvinista.

Palavras-chave: Perfeição cristã; Perfeccionismo; John Wesley.

ABSTRACT

An investigation into and doctrinal assessment of specifically John Wesley's doctrine concerning Christian Perfectionism. The aim is to assess the actual belief of Wesley regarding this, and its scriptural validity. This will be done by using his sermon and his book on Christian Perfectionism, with references to various views for and against Wesley's own. There will be some, though not excessive, reference to historical views of Christian Perfectionism (example: Asa Mahan and Aquinas), to assess whether, if any, impact upon Wesley's view can be shown. The endeavour should aim to begin a conversation on the validity and merit or demerit of Wesley's view. The investigation shall attempt to determine whether Wesley's view is unorthodoxy or heretical as some have claimed. This investigation will aim to act as an assessment of whether Wesley's doctrine is compatible with Reformed and Calvinist theology.

Keywords: Christian perfection; Perfectionism; John Wesley.

¹ Tradução de Daniela Amaral e revisão e edição de Vinicius Couto.

² Reverendo Pastor Peter Edmund Thomas Conroy é BA (Hons) em Teologia Cristã pela *Highlands Theological College*, UHI; e Mestre em Relações Públicas Estratégicas e Gestão de Comunicações pela *Stirling University*. Atualmente está se candidatando à bolsa de doutorado para pesquisar John e Charles Wesley do ponto de vista de Relações Públicas e Comunicações. Atualmente trabalha em Relações Públicas, Comunicação e Jornalismo para uma variedade de organizações. Ex-pastor da Igreja Apply2Life, Bury St Edmunds, Suffolk.



INTRODUÇÃO

A Perfeição Cristã é uma das doutrinas mais controversas dentre os ensinamentos de John Wesley. É também aquela que possui uma história e talvez um futuro. Esta dissertação procura abordar a real doutrina ensinada por Wesley, assim como discutir brevemente alguns de seus aspectos mais difíceis, tanto a doutrina do pecado a partir da perspectiva de Wesley, quanto a Perfeição Cristã ser bíblica ou não. O ponto de partida desta redação é uma pequena contextualização da história da Perfeição Cristã.

1. PERFEIÇÃO NA HISTÓRIA

T. A. Nobel inicia sua discussão sobre a Perfeição Cristã na doutrina de Wesley da seguinte forma: “A doutrina de Wesley da Perfeição Cristã não surge do nada. Trata-se de uma formulação da tradição da igreja católica”³. Nesta seção veremos brevemente alguns dos grandes nomes que ensinaram a Perfeição Cristã ao longo da História da Igreja, na espera de entender um pouco melhor a linha que Wesley se manteve assim como as influências exercidas sobre a formulação da Perfeição Cristã de Wesley.

1.1 IGREJA PRIMITIVA

Thomas Oden argumenta que a Perfeição Cristã é uma doutrina patrística⁴. Nobel nota o mesmo ao voltar para os Pais da Igreja como Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, e Policarpo de Esmirna⁵. Prossegue como Doutrina na Igreja Primitiva (Oriente) nos escritos de Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio, Os Três Pais Capadócijs, e Macário do Egito⁶. Também surge na Igreja do Ocidente como Doutrina, ensinada e exposta por Hipólito, Tertuliano, Agostinho e seu contemporâneo Cassiano⁷.

1.2 IGREJA MEDIEVAL

A Doutrina da Perfeição Cristã possuiu notáveis teólogos durante a Idade Média. Edgardo Colón-Emeric traça a doutrina pela perspectiva de Tomás de Aquino, ligando-a a percepção de Wesley sobre a Perfeição Cristã⁸. O “Proto-Evangélico” Bernardo de Claraval é

³ NOBEL, T. A. **Holy Trinity, Holy People: The Historic Doctrine of Christian Perfecting**. Eugene: Cascade Books, 2013, p. 73, Kindle Edition.

⁴ ODEN, Thomas C. **John Wesley's Scriptural Christianity: A Plain Exposition of His Teaching on Christian Doctrine**. Grand Rapids, Michigan, USA: Zondervan, 1994, p. 311.

⁵ NOBEL, 2013, p. 45.

⁶ Ibid, p. 44-54.

⁷ Ibid, p. 54-62.

⁸ COLÓN-EMERIC, Edgardo A. **Wesley, Aquinas & Christian Perfection: An Ecumenical Dialogue**. Waco: Baylor University Press, 2009; Ver, ainda, NOBEL, 2013 p. 64-66.

outro notável proponente da Perfeição Cristã⁹. O mais *famoso* professor da *Perfeição Cristã* é o Místico Católico e escritor devocional Tomás de Kempis (c.1380), a quem John Wesley tem como influência em sua formulação da Perfeição Cristã¹⁰.

1.3 A REFORMA E A IGREJA PÓS-REFORMA

Há traços daquilo que *se tornaria* a doutrina Wesleyana nos escritos de Martinho Lutero e João Calvino - apesar de ambos serem altamente céticos quanto a Perfeição Cristã¹¹. John Wesley nota a influência sobre si exercida pelo Bispo Anglicano Jeremy Taylor (1613-1667) e William Law (1686-1761), assim como a de Kempis¹².

1.4 PÓS-WESLEY

É interessante notar *quem* Wesley influenciou no que diz respeito a Perfeição Cristã. É importante distinguir Wesley de seus *seguidores*, uma vez que usualmente eles ensinaram coisas diferentes do próprio ponto de vista de Wesley. Alguns nomes relevantes da Perfeição Cristã são John Fletcher, vigário de Madeley; Phoebe Palmer; Charles Finney; Asa Mahan; e a Convenção de Keswick¹³.

1.5 HOJE

A doutrina de Wesley é altamente controversa, e de acordo com Oden é onde há “muitos vetores da perplexidade moderna quanto ao foco de Wesley...”¹⁴. Embora atualmente haja pouco material realmente escrito sobre essa doutrina, no que diz respeito às análises, há muito de seus ensinamentos e exposições nas Tradições Wesleyanas¹⁵.

2. DEFININDO A PERFEIÇÃO CRISTÃ DE WESLEY

⁹ NOBEL, 2013 p. 62-64; “Proto-Evangélico” é uma descrição de Bernardo de Claraval dada pelo Dr. Nick Needham, em seu texto: **Bernard of Clairvaux** - Light from the Middle Ages. Disponível em: <http://www.sermonaudio.com/sermoninfo.asp?sid=720091557546>, 2008. Acessado em 2016

¹⁰ WESLEY, John. **Plain Account of Christian Perfection**. Memphis: RareBooksClub.com, 2012, p. 1; Veja, ainda: OLSON, Mark K. **The John Wesley Christian Perfection Library** – John Wesley’s ‘A Plain Account of Christian Perfection’ – The Annotated Edition. Fenwick: TruthInHeart.com, 2006, p. 24; e NOBEL, 2013 p. 76, que observou também sobre a influência de Thomas à Kempis em João Calvino.

¹¹ NOBEL, 2013 p. 66-69.

¹² WESLEY, 2012, p. 1; Ver, ainda, OLSON, 2006, p. 22, 24, 27.

¹³ NOBEL, 2013 p. 73-75.

¹⁴ ODEN, 1994, p. 311.

¹⁵ MANSKAR, Steven W; SUCHOCKI, Marjorie Hewitt; HYNSON, Diana L. **A Perfect Love: Understanding John Wesley’s A Plain Account of Christian Perfection**. Nashville: Discipleship Resources, 2009, é um exemplo de um ensino moderno e exposição da doutrina de Wesley. Outro é ODEN, 2013, que faz parte da série Didsbury Lectures Series e se dedica inteiramente a expor os ensinamentos de Wesley.



O grande debate sobre a Perfeição Cristã Wesleyana é em torno de entender o que exatamente Wesley acreditava ser a Perfeição Cristã. Mark Olson pontua que a obra de Wesley *Explicação Clara da Perfeição Cristã* tem por intuito tratar de um assunto nem tão claro - fator que contribuiu para que Wesley escrevesse a obra¹⁶. Apesar da *Explicação Clara da Perfeição Cristã* ser uma obra de ensino de Wesley da Perfeição Cristã, e mesmo não sendo sua única obra de ensino do assunto, ainda assim não se trata de uma Teologia Sistemática da Perfeição Cristã¹⁷. Não posso assegurar que exista uma sistematização da Perfeição Cristã de John Wesley, apesar da obra de Oden *John Wesley's Scriptural Christianity* (1994) se aproximar disso. Wesley procurou prover um relato explicativo de seus ensinamentos sobre Perfeição Cristã durante os anos de 1725-1765, contendo também relatos de sua própria peregrinação espiritual, assim como demonstrar a consistência de seus ensinamentos ao longo do tempo¹⁸.

Antes de discutir propriamente aquilo que John Wesley ensinou ser a Perfeição Cristã, é importante entender o que significa a palavra Perfeição. Olson escreve e explica de uma maneira sucinta:

Wesley se sustentou nas Escrituras ao chamar os Cristãos de “perfeitos”... Uma pesquisa do uso da palavra em seu contexto revela que a perfeição é algo dinâmico e relativo, não estático e absoluto. William Greathouse explica, “A palavra em inglês é derivada do Latim *perfectio*, o que implica em um estado de absoluta perfeição moral que os Cristãos acreditam estar reservado para a glória... Há mais de uma dúzia de traduções para a palavra ‘perfeito’ na Versão King James no Antigo Testamento. Um exame desses termos lança luz sobre a ideia bíblica de perfeição que forma a base para os ensinamentos de John Wesley. Todos apontam para uma perfeição que não é estática, absoluta mas dinâmica, relativa, a perfeição para qual Deus chamou seu povo desde Abraão...”¹⁹.

Esta dissertação está incumbida de tentar demonstrar a linha do que realmente Wesley considerava ser a doutrina da Perfeição Cristã, assim como o que não é, uma vez que Wesley não o fez em uma abordagem sistemática.

3. O QUE É A PERFEIÇÃO CRISTÃ

Em suas anotações John Wesley escreve sobre seu ponto de vista da Perfeição Cristã:

Por Perfeição Cristã, quero dizer: 1. Amar a Deus com todo seu coração. Você se opõe a isso? Quero dizer, 2. Um coração e vida devotos a Deus. Você deseja menos que isso? Quero dizer, 3. A recuperação de toda a imagem de Deus. Há

¹⁶ OLSON, 2006, p. 8.

¹⁷ Ibid, p. 10.

¹⁸ Idem.

¹⁹ OLSON, 2006, p. 19 faz referência a GREATHOUSE, William M. **Wholeness in Christ: Toward a Biblical Theology of Holiness**. Kansas City, Missouri, USA: Beacon Hill Press, 1998, p. 27.



oposição a isso? Quero dizer, 4. Ter toda a mentalidade de Cristo. Isso é ir longe de mais? Quero dizer, 5. Andar uniformemente como Cristo andou. E de certo, a isso, nenhum cristão se oporá. Se alguém tem algo a mais a dizer sobre o que é perfeição, eu não me preocupo com isso. Mas se tais pontuações não são um erro, qual seria a necessidade, eu poderia dizer, de furiosa oposição contra aqueles homens e mulheres que a professam?²⁰

Estes cinco pontos são o alicerce da construção do entendimento de John Wesley da Doutrina da Perfeição Cristã.

3.1 AMOR

John Wesley escreve que a Perfeição Cristã é: "...amar a Deus com todo o nosso coração, mente, alma e força. Isto implica que nenhum temperamento errado ou contrário ao amor permanece na alma; e que todos os pensamentos, palavras e ações são governados pelo amor puro"²¹. Ele descreve como ser alguém aperfeiçoado:

‘É alguém puro de coração.’ O amor purificou o seu coração da inveja, malícia, cólera e todo tipo de temperamento indelicado. Limpou-o do orgulho, do qual só vem a contenção; e ele agora veste-se de misericórdia, gentileza, humildade de mente, mansidão, longânimo no sofrimento. E de fato, todo o terreno propício a contenda, por sua parte, é cortado. Pois ninguém pode tirar dele aquilo que deseja, e seu amor não está no mundo ou as coisas pertencentes a ele; mas tudo o que deseja está em Deus, e na lembrança de Seu nome”²².

Essas citações são as raízes do entendimento de Wesley sobre Perfeição Cristã. Nobel destaca o ponto de vista de Wesley e seu contexto histórico da seguinte forma: Assim como Paulo e João, Inácio e Agostinho, Bernardo e Aquino, seu entendimento [Wesley] da santidade cristã foi a “teologia do amor”²³. Wesley não estava argumentando sobre uma perfeição sem pecado, mas sim uma perfeição em amor – como Nobel aponta: “Toda a santificação cristã teve que ser vista à luz da justificação pela graça através da “fé que opera pelo amor”²⁴. Nobel nos dá uma visão mais sucinta quando escreve: Isto demonstra essencialmente não apenas um

²⁰ WESLEY, John. *John Wesley's Journal*. Percy Livingstone Parker (ed.). London: The Salvation Army Publishing Department, 1905, p. 347; WESLEY, 2012, p. 11. Wesley não acrescenta nada de novo, por exemplo, mas escreve em *A Plain Account* que: “Meu irmão e eu sustentamos: (1) que a perfeição cristã é aquele amor a Deus e ao próximo, que implicava a libertação de todo pecado; (2.) Que isso é recebido meramente pela fé; (3) Que é dado instantaneamente, em um momento; (4) Que devemos esperar isso, não na morte, mas a todo momento; que agora é o tempo aceito, agora é o dia desta salvação”.

²¹ WESLEY, 2012, p. 11-12.

²² Ibid, p. 3.

²³ NOBEL, 2013, Seção E.

²⁴ Ibid, p. 73.



entendimento negativo da “perfeição” como meramente abster-se do pecado, mas primordialmente um entendimento positivo de “perfeição” como estar cheio de amor²⁵.

Nobel fala sobre isso na *hermenêutica do amor*, que é propriamente a prioridade de Wesley em seu entendimento sobre santificação - destacando também a preferência de John Wesley por usar no lugar do termo *santificado de*, o termo *santificado por e/ou para*: “no pensamento de Wesley, a visão positiva é primária. Para ele [...] santidade não é primariamente uma visão negativa de liberdade ou purificação do pecado, mas positiva”²⁶. A partir disso, surge o segundo conceito de Perfeição Cristão que é a devoção a Deus. Pode-se dizer que o amor perfeito perpassa também pelo princípio de devoção, tendo ambos uma conexão.

3.2 DEVOÇÃO

A devoção e o foco em Deus são vistos previamente em seus escritos *Explicação Clara da Perfeição Cristã*, quando ele escreve:

A natureza e extensão da religião interior, a religião do coração, agora a mim aparece de maneira mais clara do que nunca. A percebi ao dar toda a minha vida a Deus (supondo que seja possível fazer isso, não há nada que possa fazer para ajudar-me, além de entregar o meu coração, sim, todo o meu coração a Ele)²⁷.

Isso também pode ser visto em relação à unicidade da mente e do coração: essencialmente, nossa *fidelidade* não é dividida entre as coisas desta vida e a da próxima; Wesley pontua:

...dedicar toda a minha vida a Deus, todos meus pensamentos, minhas palavras e ações; estando por completo convencido de que não há meiotermo; ou cada parte da minha vida (e não apenas parte dela) é um sacrifício a Deus, ou para mim mesmo, que se encontra infectado pelo mal. Pode alguma pessoa séria duvidar disso ou encontrar um meio-termo entre servir a Deus e servir ao mal?²⁸

O segundo princípio de Wesley quanto a Perfeição Cristã pode ser compreendido como quando se obtém um estado onde a mente e o coração da pessoa estão totalmente dedicados e focados na devoção a Jesus. A conexão e a interação entre o aperfeiçoamento no amor e a devoção ao amor é quase uma corrente subjacente da *Explicação Clara da Perfeição Cristã* de

²⁵ Ibid, p. 22. Nobel enfatiza a distinção: a hermenêutica de Wesley não é tanto uma “hermenêutica do pecado” ou purificação do pecado: é antes uma “hermenêutica do amor”. É melhor compreendido em sua frase-chave que prioriza o positivo: “O amor exclui o pecado”. O foco de Wesley estava no “amor perfeito”, e não na “inteira santificação” que nos leva a esse ponto.

²⁶ Ibid, p. 86.

²⁷ WESLEY, 2012, p. 1.

²⁸ Idem.



Wesley. O terceiro princípio seria recuperar a imagem de Deus, de acordo com *Explicação Clara da Perfeição Cristã*, onde vemos a partir de uma perspectiva lógica como a devoção total e o aperfeiçoamento no amor levam, através do tempo de caminhada com Deus, a recuperação da *imago dei*.

3.3 IMAGO DEI

Imagem de Deus ou *imago dei*, é mencionado por Wesley apenas 13 vezes em *Explicação Clara da Perfeição Cristã*. O seu primeiro apontamento é uma longa discussão sobre o assunto:

O grande presente de Deus, a salvação de nossas almas, não é nada mais do que a imagem de Deus sendo estampada em nossos corações. É a ‘renovação do espírito e mente dos crentes, à imagem dAquele que os criou’. Deus colocou um ‘machado à raiz da árvore, a fim de purificar seus corações pela fé’, e ‘purificando todos os pensamentos de seus corações pela inspiração de seu Espírito Santo’. Tendo esta esperança é que eles poderiam ver a Deus como Ele é, então eles ‘purificam a si mesmos, visto que Ele é puro’, e são ‘santos, pois Quem os chamou é Santo, o que é demonstrado em todos seus meios de conversa’. Não que eles tenham já alcançado tudo aquilo que devam alcançar, nem mesmo estão plenos no senso da perfeição. Mas diariamente ‘persistem de força em força; contemplando agora como em um espelho, a glória do Senhor, sendo transformados para a mesma imagem, de glória em glória, pelo Espírito Santo.’²⁹

A *Imago Dei* é a renovação estampada na mente do crente, um refazer deles à sua imagem - para que sejam simplesmente parecidos com Cristo. O foco para Wesley em relação a *Imago Dei* é que a Imagem de Deus é de “retidão e verdadeira santidade”³⁰. Ele fala disso em termos de “renovação na imagem de Deus”³¹. E pontua duas vezes essa renovação da *Imago Dei* como fruto do amor³². Olson elabora o pensamento de Wesley sobre o *Imago Dei*, como sendo o tema central deste capítulo em *Explicação Clara da Perfeição Cristã*, acrescentando que “a imagem imediata de Deus significa o seguinte: renovação à semelhança de Deus [...] um puro coração [...] pensamentos limpos [...] santidade [...] crescimento contínuo [...] e liberdade da praga do pecado [...]”³³. Se falamos do terceiro princípio como sendo facilmente compreendido em conjunto ao quarto princípio, provavelmente não estamos muito errados.

²⁹ WESLEY, 2012, p. 6.

³⁰ Ibid, p. 9.

³¹ Ibid, p. 15.

³² Ibid, p. 14, 15.

³³ OLSON, 2006, p. 68.

Wesley fez referências à imagem de Deus como à mentalidade semelhante de Cristo³⁴. Então, muito provavelmente seja difícil separar o terceiro princípio do quarto.

3.4 MENTE DE CRISTO

A palavra mente aparece 33 vezes em *Explicação Clara da Perfeição Cristã*³⁵. A edição publicada em 2012 de *Explicação Clara da Perfeição Cristã* possui 32 páginas, dando assim uma média uma citação por página. Wesley escreve alguns pensamentos referente a *mente de Cristo*:

Portanto eu percebi, cada vez mais claramente, a indispensável necessidade de ter "a mente que estava em Cristo" e do "andar como Cristo andou"; e tendo não somente uma parte, mas toda a mente que estava nEle; e andando como Ele andou, não apenas em alguns aspectos, mas em todas as coisas³⁶.

Wesley enxerga ter a mente de Cristo como uma *indispensável necessidade*. Ele se aprofunda nisso ao dizer que ter *a mente de Cristo*, é uma consequência de ser aperfeiçoado, mas também uma continuidade no aprofundamento de um *aperfeiçoamento maior*: "...por consequência, o ser dotado daquelas virtudes que estavam em Cristo Jesus, é ser 'renovado à imagem de nossa mente', a fim de ser 'perfeito' como nosso Pai celestial é perfeito"³⁷.

Wesley escreve que: "Ter uma pura intenção no coração, demonstra um firme respeito à Sua glória em todas suas ações". Portanto, é essa "a mente que agora está em nós, que também estava em Cristo Jesus"³⁸. Isso demonstra uma ligação que Wesley traça entre a Mente de Cristo e Andar como Cristo - a semelhança de Cristo em mente leva à semelhança de Cristo em ação.

3.5 ANDAR COMO CRISTO

Wesley traça uma conexão entre seu quarto e quinto princípio, assim como o terceiro e quarto princípios. Ele constrói uma cadeia de virtudes ou *escada com degraus para a perfeição*. Wesley ao falar sobre Andar como Cristo, utiliza o texto de Romanos 8:3-4³⁹. Ele também contextualiza tal atitude como 'andar em amor'⁴⁰.

Oden, de maneira útil, sumariza o entendimento de Wesley da Perfeição Cristã esquematizando-a em *cinco princípios*:

³⁴ WESLEY, 2012, p. 6: "Este grande presente de Deus, a salvação de nossas almas, não é outro senão a imagem de Deus fresca estampada em nossos corações. É uma 'renovação dos crentes no espírito de suas mentes, à semelhança dAquele que os criou".

³⁵ Isso representa 0,098% de todas as 33.640 palavras e também 0,17% das 19.355 palavras (após a remoção das 50 palavras mais comuns no idioma inglês, essas 42,46% ou 14.285 palavras de *A Plain Account*.)

³⁶ WESLEY, 2012, p. 1.

³⁷ Ibid, p. 2.

³⁸ Ibid, p. 2, citando seu próprio sermão *Circumcision of the Heart* (Circuncisão do Coração), de janeiro de 1733.

³⁹ Ibid, p. 10.

⁴⁰ Ibid, p. 20.



“Tudo está comprimido em uma palavra, amor” — amor a Deus e ao próximo [...] Aquele que ama tem a sua humanidade renovada ante a imagem e moral de Deus que é “verdadeiramente justa e santa” (Efésios 4:24), andando em justiça tanto interiormente quanto exteriormente e cuja santidade de vida emana da santidade do coração (1 Pedro 1:15) [...] Aquele que foi crucificado em Cristo, em quem habita a mente que havia em Cristo, “ama o seu próximo (cada um) como a si mesmo, sim, como Cristo nos amou”⁴¹.

Embora os princípios de Wesley sobre a Perfeição Cristã sejam úteis, eles não possuem uma abordagem tão sistemática quanto *pastoral*. No entanto, percebe-se que há uma abordagem sistemática da doutrina a ser encontrada.

4. UMA ABORDAGEM SISTEMÁTICA

Resumindo, temos uma declaração sistemática da Doutrina da Perfeição Cristã:

‘Através da renovação do homem em amor, Deus transforma o foco do homem quanto às coisas de sua vida para as coisas de Deus, Ele cria no homem sua própria imagem, implantando nele a mente de Cristo para que assim ele possa andar como Cristo nesta vida’⁴². A questão neste ponto é, ‘seria o homem aperfeiçoado no amor completamente perfeito em todos esses ‘princípios’? ‘E se não, de que maneira ele não é aperfeiçoado nelas?’

4.1 O QUE A PERFEIÇÃO CRISTÃ NÃO É

Em que sentido o homem aperfeiçoado não está perfeito para John Wesley? Oden descreve que “a promessa das Escrituras do aperfeiçoamento pela graça não implica necessariamente na liberdade da ignorância”⁴³. A afirmação de Wesley de que a Perfeição Cristã não é a liberdade da ignorância, está bem atestada em: “Em que sentido eles não são [perfeitos]. Eles não são perfeitos em conhecimento. Eles não são livres da ignorância; não, de nenhuma forma de erro. Não é esperado de nós que sejamos infalíveis, tampouco oniscientes”⁴⁴.

Oden explica que: “a recepção total da graça pode acontecer naquele que permanece normalmente limitado no conhecimento (uma vez que a finitude do conhecimento é intrínseca à finitude da natureza humana)”⁴⁵. Wesley acrescenta que “eles (os aperfeiçoados) não são

⁴¹ ODEN, 1994, p. 323.

⁴² A redação aqui é provavelmente um pouco desajeitada, mas há uma tentativa de resumir sistematicamente o entendimento de Wesley nesta frase.

⁴³ ODEN, 1994, p. 320.

⁴⁴ WESLEY, 2012, p. 4.

⁴⁵ ODEN, 1994, p. 320.



livres de enfermidades, assim como não são da fraqueza ou da lentidão do entendimento, da rapidez irregular ou da imaginação fértil”⁴⁶.

Não há argumentos reais para determinar tais coisas como “não sendo” Perfeição Cristã. No entanto, há uma grande questão. Seria a Perfeição Cristã equivalente ao Aperfeiçoamento do Pecado? Para Norman Geisler, isto é exatamente o que Wesley proclamava: essencialmente, a perfeição é “contínua libertação do pecado interior como do exterior”⁴⁷. Já Nobel chamava Wesley de pedante por considerar chamar as coisas de pecado; todavia, vale ressaltar que isto é falso e trata-se de um mal entendimento do trabalho de Wesley.

Há um abrandamento na colocação de Wesley em seus textos (particularmente na “tradição de santidade”) de que o Cristão nascido de novo pode, e de fato irá continuar sendo culpado de suas transgressões involuntárias. Contudo, de maneira pedante Wesley recusa-se a chamar tais erros de “pecado”, insistindo em usar a palavra apenas para transgressões voluntárias⁴⁸.

E isto, na realidade, é um dos maiores problemas com a visão de Wesley pois ele reivindica a perfeição sem pecado por um lado, mas não por outro.

Outra crítica à Perfeição Wesleyana é a de Warfield. Apesar de Geisler não fazer nenhuma referência ou citação do livro de Warfield sobre a Perfeição, pois o mesmo não se referiu a John Wesley especificamente, até mesmo Geisler critica Warfield: “Apesar de muitas críticas à Perfeição Cristã de Wesley, a partir de sua interpretação, há algumas graves falhas na opinião do próprio Warfield”. E acrescenta: “Não obstante, os exageros de Warfield, suas premissas antibíblicas e má-orientação em algumas críticas, a maioria de seus pontos são penetrantemente bem aceitos, especialmente quando se trata do Wesleyanismo em seus dias, se não do próprio John Wesley”⁴⁹.

Nobel fala bastante sobre a incongruência no entendimento sobre a visão dos escritos de Wesley:

Infelizmente, a visão Wesleyana por muitas vezes tem sido apresentada de uma maneira sectária. Nas disputas entre cristãos evangélicos nos séculos dezenove e vinte, a visão wesleyana era costumeiramente atacada como “perfeição sem pecado”, e alguns dos herdeiros de Wesley mereciam ser repreendidos pela distorção dos seus ensinamentos⁵⁰.

⁴⁶ WESLEY, 2012, p. 4.

⁴⁷ GEISLER, Norman L. Appendix 7: Wesleyan Perfectionism, 1556-1562. In: _____. *Systematic Theology*, vol. 1. Minneapolis: Bethany House, 2011, p. 1557.

⁴⁸ NOBEL, 2013, p. 82.

⁴⁹ GEISLER, 2011, vol. 1, p. 1561.

⁵⁰ NOBEL, 2013, p. 3.



O próprio Wesley escreve que: “Portanto, a perfeição sem pecado é uma frase que nunca usei, para que eu não venha contradizer-me”⁵¹. A questão, portanto, torna-se: o que Wesley queria dizer por pecado?

4.2 DEFININDO O PECADO

“Não há assunto de maior importância para a Teologia Cristã do que a compreensão do conceito de pecado e seus efeitos”⁵², é o que escreve o teólogo Gerald Bray⁵³. As definições em torno do conceito de pecado são variadas, mas o Catecismo de Westminster pontua o pecado como: “Pecado é qualquer desejo em inconformidade com a Lei de Deus, ou sua transgressão propriamente”⁵⁴.

Embora esta seja uma resposta objetiva, trata-se de uma discussão realmente sutil. Observe o exemplo da discussão de Bray sobre o entendimento judaico de pecado durante o 1º Século: “Um judeu no tempo de Jesus normalmente teria o pensamento de que pecado é primordialmente a desobediência a lei de Moisés contida no Antigo Testamento”⁵⁵. Esta é uma visão clássica, mas ainda assim havia muitas diferenças. Segue uma compreensão um pouco mais aprofundada sobre Israel no 1º Século:

Os Pensadores Judeus entendiam que havia muito mais na Lei do que isso, mas havia uma forte tendência de objetivar os mandamentos e encontrar meios de mantê-los de acordo com a letra, e nem sempre de acordo com o espírito, no qual eles foram originalmente dados.⁵⁶

A distinção de Diana Hynson entre *alienação e separação de Deus* enquanto “pecado” dentro de um “jardim variado” de transgressões como “pecados”, não é particularmente útil para definir o entendimento de Wesley sobre pecado⁵⁷. É mais fácil entender o pensamento de Wesley como pecado consciente e inconsciente. Estes dois tipos de pecado são descritos nas próprias palavras de Wesley:

Ora, erros e quaisquer enfermidades que fluam do nosso corpo em estado corruptível não são contrárias ao amor; nem, portanto, no sentido bíblico do pecado [...] Não apenas o pecado, propriamente chamado (isto é, uma

⁵¹ WESLEY, 2012, p. 12.

⁵² BRAY, Gerald. Sin in Historical Theology. In: MORGAN, Christopher W.; PETERSON, Robert A. (eds.). **Fallen: A Theology of Sin**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway, 2013, p. 163.

⁵³ Bray fornece uma excelente história da compreensão do pecado na Igreja e, embora haja muito o que aprender nesse estudo, infelizmente este é um ensaio muito curto para explicar completamente esse tema.

⁵⁴ **Westminster Shorter Catechism**, Question 14.

⁵⁵ BRAY, 2013, p. 163-164 Essa lei tinha muitas ramificações, mas para a maioria das pessoas era essencialmente uma questão de manter a pureza ritual.

⁵⁶ Ibid, p. 164.

⁵⁷ HYNSON, Diana L. Study Guide. In: WHITED, Linda R.; HARRIS, Cindy S. (eds.). **A Perfect Love**. Nashville: Discipleship Resources, 2009, p. 94.



transgressão voluntária de uma lei divina conhecida), mas o pecado, inconsciente assim chamado (isto é, uma transgressão involuntária de uma lei divina, conhecida ou desconhecida) precisa do sangue expiatório⁵⁸.

Uma terceira categoria discutível pode estar implícita na compreensão de Wesley do homem aperfeiçoado e em suas referências a um *único olho*⁵⁹. Embora não exista um esboço direto disso em Perfeição Cristã, o termo é melhor descrito como pecado do tipo que tira os olhos de Jesus.

A discussão sobre a definição do pecado na doutrina de Wesley em Perfeição Cristã nos permite ver as questões que muitos têm com a doutrina, como a posição tradicionalmente reformada pelos calvinistas, que apenas abre caminho para um tipo de definição de pecado, de acordo com Karl Barth:

Os antigos pensadores reformados rejeitavam esse tipo de distinção. Em sua perspectiva, não havia esse espaço nem mesmo para o regenerado. Um pecado, por menor que pareça ser, é pecado mortal. Por outro lado, pode ser perdoado pela misericórdia de Deus⁶⁰.

O problema é que a Tradição Reformada está respondendo uma abordagem Católica-Luterana ao pecado mortal e venial, o que não está de acordo com a abordagem de Wesley, que afirma que até mesmo o *aperfeiçoado* precisaria de um Salvador⁶¹. Se opondo ao conceito de que há dois níveis de pecado, Wesley concorda com a abordagem que diz haver o pecado *voluntário* e o *involuntário*. Karl Barth responde ao conceito de pecado *voluntário* e *involuntário* da seguinte forma:

[...] temos de rejeitar a distinção entre pecado voluntário e involuntário, e especialmente a noção de que, em relação aos pecados involuntários, os cristãos estão em vantagem ante aos não regenerados. Todo pecado, por menor que seja, é pecado mortal na medida em que é digno de morte e envolve nossa doença mortal [...] Que suposto pequeno pecado, mesmo o menor, não é

⁵⁸ WESLEY, 2012, p. 12.

⁵⁹ Ibid, p. 3 – “Seu coração é elevado a Deus em todos os momentos e em todos os lugares. Nisso, ele nunca é impedido, muito menos interrompido, por qualquer pessoa ou coisa. Na aposentadoria ou companhia, no lazer, nos negócios ou na conversa, seu coração está sempre com o Senhor. Se ele se deitar ou se levantar, 'Deus está em todos os seus pensamentos': Ele anda com Deus continuamente; tendo o olho amoroso de sua alma fixo nele, e em todos os lugares 'vendo Aquele que é invisível'”. Veja também: Hebreus 12:2.

⁶⁰ BARTH, Karl. **Church Dogmatics**, The Doctrine of Reconciliation, vol. 4. Thomas Forsyth Torrance (trans.). London: T&T Clarke, 2004, p. 493.

⁶¹ WESLEY, 2012, p. 12 – Wesley escreve: “[...] *necessidade de um mediador* [...] Ninguém sente a necessidade de Cristo como estes; ninguém depende inteiramente dele. Pois Cristo não deu vida à alma separada de, mas dentro e com Ele mesmo [...]”; “Aqueles completamente santificados precisam da expiação [...]” e, finalmente, “Em todos os estados, precisamos de Cristo [...]”.



cometido a partir de um conflito interno do homem e da sua vontade, que não é ao mesmo tempo pecado voluntário e involuntário?⁶²

4.3 GRAUS DE PECADO

Como discutido anteriormente, há uma tradição no debate de três “tipos” de pecado. O primeiro é o pecado herdado, como definido pela doutrina da Depravação Total (Protestante); *Pecado Original* (Católica). O segundo tipo é comumente chamado de pecado consciente, voluntário, mortal, pecados de comissão. O terceiro tipo é usualmente conhecido como pecado inconsciente, involuntário, venial, pecado de omissão. Estes termos são frequentemente intercambiáveis, mas há diferença nas definições. Nenhum deles sugere que o tipo de pecado é maior ou menor em valor do que outro; o argumento que alguém pode usar é “estamos nós aptos a sermos perfeitos frente a um tipo ou mais tipos de pecados?”

Cornelius Plantinga escreve que pecados *involuntários* são surpreendentemente comum: Pecados involuntários são surpreendentemente comuns. Por exemplo, os tradicionais sete pecados capitais [...] são usualmente involuntários. Eles são desejos, crenças e atitudes que cada pessoa pode ter um maior ou menor controle⁶³.

Wesley argumenta menos sobre os pecados veniais e mortais do Catolicismo, e sim mais por sua própria compreensão de quais pecados são pecados dos quais não podemos ser purificados.

Usando o referencial de Wesley, criei categorias de pecado para os propósitos desta dissertação.

O *pecado consciente* é uma violação da lei de Deus em total conhecimento, enquanto que o *pecado inconsciente* é a violação desta lei em ignorância.

O *pecado voluntário*, portanto, é a contravenção intencional da lei de Deus, enquanto que o *involuntário* é aquele que contravém a lei de Deus por força ou acidente. O pecado de comissão é onde transgredimos a lei de Deus através de nossas próprias ações ou requerendo de outro a transgressão da lei de Deus, enquanto que o pecado de omissão é a transgressão da lei de Deus pela nossa inação. O *pecado mortal*, é um termo Católico, e está descrito pelo Catecismo da Igreja Católica como: “O Pecado Mortal destrói a caridade no coração do homem por uma grave violação da lei de Deus; afasta o homem de Deus [...] preferindo um bem inferior a Ele. O pecado venial permite que a caridade subsista, embora ofenda e fira”⁶⁴.

⁶² BARTH, 2004, vol. 4, p. 493.

⁶³ PLANTINGA, Cornelius. **Not the Way It's Supposed to Be: A Breviary of Sin**. Leicester: Apollos, 1995, p. 22.

⁶⁴ **Catechism of the Catholic Church**: Part Three: Life in Christ, Section One: Man's vocation life in the Spirit, Chapter One: The Dignity of the Human Person; Article 8: Sin; Part IV. The Gravity of Sin: Mortal and Venial Sin, paragraph 1855. **Catechism of the Catholic Church**: Part Three: Life in Christ, Section One: Man's vocation life in the Spirit, Chapter One: The Dignity of the Human Person; Article 8: Sin; Part IV. The Gravity of Sin: Mortal and Venial Sin, paragraph 1859. O Catecismo explica o pecado Mortal como requerendo: pleno conhecimento e consentimento completo. Pressupõe o conhecimento do caráter pecaminoso do ato, de sua oposição à lei de Deus. Implica também um consentimento suficientemente deliberado para ser uma escolha



Veja o mandamento de não mentir; a mentira em todas as formas é pecado, Wesley jamais endossaria nenhum tipo de pecado. Mas há uma diferença em onde o pecado se inicia, o que nos dá uma ideia de como a visão de Wesley sobre pecado é construída. Alguém pode mentir por omissão – não contando a verdade, mas não necessariamente contando uma mentira a alguém – ainda assim, se eu sei a verdade, mas escolho não te informar sobre isso, isto também é mentir por omissão – quando compartilho uma mentira sabendo da sua inverdade, estou mentindo. Há a mentira inconsciente – onde eu conto uma mentira, desconhecendo que se trata de uma mentira; por exemplo, alguém me conta uma mentira e eu repito essa mentira, ainda que eu não esteja pecando pelo senso tradicional de intencionalidade, eu continuo compartilhando um falso testemunho. Em seguida, há a mentira consciente – onde estou ciente que estou mentindo, sendo isso, talvez, em certo sentido, uma mentira por comissão. Há a mentira involuntária onde sou constrangido a uma posição onde a verdade coloca em risco outra pessoa – assim como a parteira que mentiu para o faraó no livro de Êxodo. Também pode haver, nesse sentido, uma mentira involuntária em que eu não sabia que o que tinha como verdade era de fato uma mentira; um bom exemplo disso é de um refém falando mentiras em um vídeo, coagido pelos sequestradores e estando sob pena de morte, dizendo que está sendo “bem tratado”. Há também a mentira voluntária, onde escolho mentir, e novamente podemos usar o exemplo das parteiras em Êxodo que podem ter escolhido mentir voluntariamente para proteger as crianças de Israel – mas talvez elas tenham sido forçadas a tomar essa posição onde a mentira era a única opção honesta, tornado-se então uma mentira involuntária. Alguém pode crer em uma mentira – com certa frequência, isso é aplicado a fatos; nós acreditamos que um fato é verdade, mas na realidade o fato em si não é uma verdade, e nossa crença está mal orientada, logo tornando-se uma mentira.

Embora Wesley não tenha uma visão *sistematizada* do pecado, é fácil de entender na *Perfeição Cristã* ao dizer que um crente pode ser aperfeiçoado em amor do pecado deliberado, intencional e voluntário, enquanto que não dos pecados que o afetam subconscientemente, como Plantinga escreve:

O pecado involuntário não está sob o controle de uma pessoa, dentro dos modos que acabamos de descrever. Mas, para chamar isso de pecado, temos que estipular que aquele que o cometeu o tenha adquirido por alguma culpa própria, e que é responsável por tê-lo cometido - em suma, que ele é culpável. E é aqui as coisas se tornam obscuras⁶⁵.

A opinião de Plantinga de que para um pecado ser um pecado, temos que ser responsáveis, exigiria que ignorássemos os efeitos do pecado de Adão. A Confissão de Westminster se encaixa melhor, o conceito de que todo pecado é pecado, e isso não é uma questão de culpabilidade, mas realmente sobre se podemos ser aperfeiçoados e do que podemos ser aperfeiçoados.

pessoal. A fingida ignorância e dureza do coração não diminuem, mas aumentam, o caráter voluntário de um pecado.

⁶⁵ PLANTINGA, 1995, p. 23.



Wesley fala sobre o pecado das mais variadas formas, então não seria exagero dizer que Wesley escreveu sobre pecado em termos de pecado inconsciente⁶⁶; pecado involuntário⁶⁷; e pecados de omissão⁶⁸. Ele também certamente escreveu sobre o pecado consciente, voluntário, como pecado de comissão, mas estes ele talvez interligou mais plenamente, e estes são os pecados dos quais ele diz que podemos nos libertar, embora muitos comentaristas liguem os pecados inconscientes, involuntários e pecados de omissão, agrupando todos os tipos de pecado juntos, e pensem que Wesley estava argumentando que todos os pecados podem ser aperfeiçoados! Como Nobel escreve:

...se adotarmos o uso comum e estender a categoria de “pecados” a todas as transgressões [em vez das próprias distinções de Wesley], então Wesley é claro em dizer que nenhum cristão é “sem pecado” no sentido de nunca transgredir a lei perfeita de Deus⁶⁹.

5. OUTROS FATORES DO ENTENDIMENTO DE WESLEY

5.1 PERFEIÇÃO EM DEGRAUS

Nobel destaca os degraus da natureza no entendimento de Wesley dentro da Perfeição Cristã: “Não é que a santificação seja completada, terminada ou chegará a um fim: é, antes de tudo, o que Paulo orava pelos Tessalonicenses que fossem holisticamente santificados, ou, como Lutero traduziu, santificados constantemente”⁷⁰.

Oden também destaca este importante elemento na Perfeição Cristã de Wesley: “No entanto, no caminho da santidade, o próximo espaço é sempre para além, para crescer de graça em graça. Não há perfeição que não admita aumento contínuo, de crescimento adicional em graça...”⁷¹

5.2 BIBLICISMO

⁶⁶ Wesley (2012) escreveu: “Eles não estão livres da ignorância [...]” (p. 4); da “transgressão involuntária de uma lei divina [...] desconhecida” (p. 12) e “tais, de outro tipo, como a impropriedade da linguagem, a falta de graciosidade da pronúncia; ao qual se pode acrescentar mil defeitos sem nome, seja na conversa ou no comportamento” (p. 4).

⁶⁷ Wesley (2012, p. 12) escreveu sobre pecados como “erro”; e de “transgressão involuntária de uma lei divina, conhecida”.

⁶⁸ Wesley (2012, p. 12) fala de “tentação” e “mil enfermidades necessariamente relacionadas com carne e sangue”.

⁶⁹ NOBEL, 2013, p. 82.

⁷⁰ Ibid, p. 85.

⁷¹ ODEN, 1994, p. 323. “[...] Por mais amadurecido, ele está sempre amadurecendo ainda mais, perpetuamente em processo. Os *teleiotes* de que fala as Escrituras não implicam que nenhuma progressão adicional seja possível, mas que os fiéis estão indo de força em força. Paulo diz que eles veem o amor de Deus primeiro como uma imagem fraca em um espelho indistinto, e apenas gradualmente são transformados nessa imagem de glória em glória pelo Espírito do mesmo Senhor”.



John Wesley afirma que a Perfeição Cristã é importante para nós, ao escrever que ela está “encontrada nos oráculos de Deus [...] Com que autoridade qualquer mensageiro de Deus pode pô-la de lado, mesmo que todos os homens sejam ofendidos?”⁷² A primeira questão decorrente disso é “a Perfeição Cristã ocorre nas Escrituras?”; a segunda pergunta é “é alcançável?” Geisler pensa que não, e que não é bíblico, escrevendo que “[...] a crença Wesleyana de que podemos alcançar um ponto de perfeição sem pecado (seja pela erradicação ou não) nesta vida é anti-bíblica [...]”⁷³.

O problema de argumentar que algo é antibíblico é que muito do argumento se resume a interpretação e hermenêutica - Wesley cita mais de 500 passagens das Escrituras, e argumentar que é antibíblico é o mesmo que afirmar que ele é hermenêuticamente pobre. A questão do debate passa estar em torno do biblicismo⁷⁴. A questão da hermenêutica é complicada, basta dizer que há argumentos variados, sendo cada um convincente à sua maneira. Se assumirmos que a Perfeição Cristã é bíblica, a questão se torna alcançável.

5.3 TANGIBILIDADE

“De fato, a dificuldade de toda a questão é quanto a tangibilidade da perfeição”⁷⁵; escreve John Murray. Ele adiciona: “Que a santidade onipresente é a meta da vocação cristã é um fato estabelecido, sem o qual o debate sobre este assunto não tem sentido. Mas de modo algum, a frouxidão em persistir para esse objetivo é induzida pela convicção de que esse objetivo não será atingido nesta vida”⁷⁶. Essa é talvez a mais justa crítica da Perfeição Cristã de Wesley, só porque não pode ser obtida, não significa que não será pressionada. É claro, uma vez que a pergunta seja se o foco de Wesley foi atingir a perfeição cristã, no sentido negativo de *não mais pecar*, e não quanto uma maior consciência do amor de Deus.

Murray adota a visão Reformada tradicional e rejeita a Perfeição de Wesley por interpretá-la como uma forma de pelagianismo, em relação ao pecado⁷⁷. Essa é uma assertiva injusta e Oden rebate:

Alguns se opuseram a Wesley, alegando que ele estava exaltando a competência humana de forma errada, por uma perspectiva pelagiana, alegando que o homem natural é capaz de alcançar a redenção. Contudo, sua resposta deixou claro que a Graça Perfeita é uma Doutrina da Graça, não se tratando de antropologia ou competência humana natural. É somente pelo

⁷² WESLEY, John. ‘Sermon XXV – Christian Perfection’. In: _____. **Forty-Four Sermons**. London: Epworth Press, 1961, p. 457.

⁷³ GEISLER, 2011, vol. 1, p. 1561-1562.

⁷⁴ Olson (2006, p. 4) escreve que seu índice de “Escrituras” contém quase quinhentas passagens das Escrituras citadas ou mencionadas por John Wesley.

⁷⁵ MURRAY, John. **Collected Writings of John Murray: Life of John Murray Sermons and Reviews**, vol. 3. Carlisle: Banner of Truth, 1982, p. 308.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Ibid, p. 309.

poder da Graça que o desejo humano está sendo recuperado ao seu propósito original de justiça, refletindo a imagem de Deus⁷⁸.

A este respeito, curiosamente, Nobel destaca como Wesley realmente aborda uma questão frequentemente não abordada em outros campos:

[...] Se a nossa salvação é por meio de Cristo somente (*a solus Christus*), e se isso inclui a nossa salvação final quando todos haveremos de ser sem pecado na presença do Santo Deus, então temos de abordar a questão de como a cruz traz tal santificação total⁷⁹.

Uma crítica justa, feita por Murray, mesmo que possa ser rebatida por perder o ponto da Perfeição Cristã de Wesley, é que “tal posição esquece – lamentavelmente – que a razão para a perfeição e o impulso não reside em nossa realização no que é atingível aqui e agora, mas sim nas exigências da santidade divina e na promessa da graça de Deus”⁸⁰. Wesley propriamente rebate tal acusação, ao argumentar em uma carta escrita a seu irmão, Charles Wesley, que ele escreveu em 9 de Julho de 1766:

[Alertando contra] "Essa perfeição que eu acredito, eu posso ousadamente pregar; porque vejo quinhentas testemunhas disso. Da perfeição que você prega, você acha que não vê nenhuma testemunha. O Sr. Whitefield questionou: “como observar a perfeição com critérios imprecisos? Onde estão os perfeitos?” Se você aceita critérios distorcidos, insuperáveis, impossíveis de cumprir, não há nenhum na terra; nenhum corpo vivo [...] não existe tal perfeição assim como você descreve. [...] Assim sendo [...] para definir a Alta Perfeição é preciso renunciá-la⁸¹.

Interessante que Murray afirma que o oposto é verdadeiro⁸².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina da Perfeição Cristã de John Wesley demonstrou fazer parte da linha da história da igreja, e parte de alguns dos maiores nomes da Igreja Primitiva e do Cristianismo Medieval, colocando-a firmemente dentro da tradição da ortodoxia. Os argumentos para o biblicismo pesam e exigem uma extensa pesquisa, o que foi impossível fazer para este projeto. Mas chega-se a uma compreensão do que é a Perfeição Cristã, como ensinada por John Wesley, pela boa compreensão do que ela não é, ajudando assim a iniciar a conversa a seu respeito. Argumentos sobre a “compreensão” de John Wesley em relação ao pecado, também requerem

⁷⁸ ODEN, 1994, p. 313.

⁷⁹ NOBEL, 2013, p. 135.

⁸⁰ MURRAY, 1982, vol. 3, p. 308.

⁸¹ ODEN, 1994, p. 325, referenciando à carta a Charles Wesley.

⁸² MURRAY, 1982, p. 309.



maior pesquisa, embora seja uma questão lateral fascinante dentro do contexto do estudo, pode-se exigir uma reformulação do conceito de pecado de Wesley, para alinhá-lo com o ensino Reformado... Esta dissertação não conseguiu cumprir todos os seus objetivos, mas pelo menos iniciou a conversa.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Church Dogmatics**, The Doctrine of Reconciliation, vol. 4. Thomas Forsyth Torrance (trans.). London: T&T Clarke, 2004.

BRAY, Gerald. Sin in Historical Theology. In: MORGAN, Christopher W.; PETERSON, Robert A. (eds.). **Fallen: A Theology of Sin**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway, 2013, p. 163-185.

Catechism of the Catholic Church

COLÓN-EMERIC, Edgardo A. **Wesley, Aquinas & Christian Perfection: An Ecumenical Dialogue**. Waco: Baylor University Press, 2009; Ver, ainda, NOBEL, 2013.

GEISLER, Norman L. **Systematic Theology**, vol. 1. Minneapolis: Bethany House, 2011.

GREATHOUSE, William M. **Wholeness in Christ: Toward a Biblical Theology of Holiness**. Kansas City, Missouri, USA: Beacon Hill Press, 1998.

HYNISON, Diana L. Study Guide. In: WHITED, Linda R.; HARRIS, Cindy S. (eds.). **A Perfect Love**. Nashville: Discipleship Resources, 2009.

MANSKAR, Steven W; SUCHOCKI, Marjorie Hewitt; HYNISON, Diana L. **A Perfect Love: Understanding John Wesley's A Plain Account of Christian Perfection**. Nashville: Discipleship Resources, 2009.

MURRAY, John. **Collected Writings of John Murray: Life of John Murray Sermons and Reviews**, vol. 3. Carlisle: Banner of Truth, 1982.

NEEDHAM, Nick. **Bernard of Clairvaux - Light from the Middle Ages**. Disponível em: <http://www.sermonaudio.com/sermoninfo.asp?sid=720091557546>, 2008. Acessado em 2016

NOBEL, T. A. **Holy Trinity, Holy People: The Historic Doctrine of Christian Perfecting**. Eugene: Cascade Books, 2013. Kindle Edition.

ODEN, Thomas C. **John Wesley's Scriptural Christianity: A Plain Exposition of His Teaching on Christian Doctrine**. Grand Rapids, Michigan, USA: Zondervan, 1994.

OLSON, Mark K. **The John Wesley Christian Perfection Library** – John Wesley's 'A Plain Account of Christian Perfection' – The Annotated Edition. Fenwick: TruthInHeart.com, 2006.

PLANTINGA, Cornelius. **Not the Way It's Supposed to Be: A Breviary of Sin**. Leicester: Apollos, 1995.

WESLEY, John. 'Sermon XXV – Christian Perfection'. In: _____. **Forty-Four Sermons**. London: Epworth Press, 1961, p. 457-480.

WESLEY, John. **John Wesley's Journal**. Percy Livingstone Parker (ed.). London: The Salvation Army Publishing Department, 1905.

WESLEY, John. **Plain Account of Christian Perfection**. Memphis: RareBooksClub.com, 2012.

Westminster Shorter Catechism.